



Onésimo Teotónio Almeida

## América – A Bela e o Monstro

Escrevo no dia mais looooooongo sem saber como irá acabar, ou melhor, como terminará a corrida às urnas, de certeza uma prolongada incógnita. Cresci ouvindo falar nesse outro infundável dia, de um tempo quando nem ainda concebido eu era. Tive dele conhecimento via cinema. Sob fogo intenso, os americanos assaltando a costa da Normandia, impelidos pelo ideal de resgatar a Europa das garras de Hitler.

Obviamente, a causa da luta de hoje não se presta a comparações. Não estamos em guerra, nem propriamente diante de uma reincarnação de Hitler. Há, é certo, milícias armadas junto de algumas urnas, todavia nada semelhante àquele cenário ultradantesco do desembarque de 6 de Junho de 1944.

E, no entanto, os pontos de contato e contrastes não deixam de ser flagrantes.

O que aconteceu à América? Que é feito dos ideais que produziram a luta pelos direitos civis, os *hippies*, a cruzada contra a guerra do Vietname? Que construíram uma aparentemente sólida e indestrutível democracia, institucionalizando os valores da modernidade assumidos pelos *Founding Fathers* – Thomas Jefferson sendo

apenas um deles – postos em prática aqui ainda primeiro do que em França, sua terra de berço?

Quem conhece a história americana sabe bem que ela se desenrolou sempre em profunda tensão entre as forças biológicas da natureza humana que impulsionaram os europeus a espalhar-se pelas Américas e o vigor dos ideais que procuravam conter o lado animal dos humanos, capazes dos piores crimes.

Eles – os ideais e os seres humanos – não mudaram. As mesmas forças continuam em presença. E nem sequer podemos pensar em simplistas divisórias entre direitas e esquerdas, mas entre biologia e ética. Cada grupo constrói o seu ideário entretecendo-o de verdades que se ajustam às suas crenças e desejos mais profundos, e entrega-se à luta por eles.

A minha geração deixou-se embalar na ingénuua esperança no “homem novo”, mas ele é uma utopia e, como todas as utopias, fundamental para nos fazer imaginar e sonhar, à Platão, com algo que nos faça sair desta caverna em que vivemos. Thomas Hobbes usava uma metáfora melhor, a da selva. E preveniu-nos, alertando-nos para a edificação de um estado forte – o Levia-

tão – porque os ideais, por mais belos que sejam, não bastam. Os Estados Unidos (e a Europa Ocidental mais os países que se entusiasmaram pelo projeto da modernidade) acreditaram que a criação de instituições democráticas sólidas, independentemente das pessoas que as geriam, seria suficiente para sustentar os embates das forças que, segundo a lógica da biologia, continuariam a digladiar-se. E a ideia resultou até à explosão das redes sociais que puseram um microfone diante de cada cidadão, retirando o filtro que as instituições democráticas haviam estabelecido a fim de debelarem os exageros que a biologia desbragada pode gerar. Nietzsche nunca terá decerto imaginado que advogava a retirada dos tapumes segurando o toiro.

O espaço que me é concedido não me permite explicitar este arrazoado, apenas me deixa umas dezenas de caracteres para advertir: sempre olhei para a América do Norte como um cadinho onde a humanidade vem experimentando o futuro. Dantes, as experiências demoravam a chegar ao mundo todo. Agora são instantâneas. O que significa: hoje aqui, amanhã em qualquer parte do globo.



Hernâni Bettencourt \*

## Geringonça(s)

### i. Então e a extrema-esquerda?

Esta é uma das perguntas que mais se ouve pelos diversos fóruns de opinião onde estejam presentes defensores da entrada do Chega na esfera do poder. Obviamente, esta pergunta tem desde logo a intenção de legitimar o Chega e, simultaneamente, equiparar o respetivo extremismo às posições assumidas pelo PCP e BE. A ideia é simples: misturar a extrema-direita com a extrema-esquerda e concluir pela total similitude. Desta forma, entendem que não há motivos para quaisquer temores com a vinda, através de um Rio ideologicamente perdido, do Chega para o chamado “arco da governação”. Tal como aconteceu com o PCP e BE desde 2015. Ora bem, a verdade é que comparar o Chega com a denominada extrema-esquerda portuguesa (PCP e BE) é o mesmo que dizer que “A estrada da Beira é igual à beira da estrada”. Não é. E todos sabemos isso. Querem um exemplo recente? À data que escrevo, o presidente do Chega foi notícia por ter sido condenado a pagar uma multa (irrisória!) pela sua atitude persecutória e discriminatória face a uma minoria étnica (“ciganos”) e, após um comentário sobre isto feito pela Deputada Joacine Katar Moreira, disse e cito: “na Guiné é que

estava bem.” Continuem, pois, a colocar todos no mesmo saco... Já agora, o Dr. Ventura pede para o saco ser branco...

### ii. Então e onde estão os acordos de 2015?

Aqui está outra pergunta que tem andado por aí a pairar no ar e que só subsiste porque a memória, por norma, é seletiva e muito influenciável pela forma e ângulo da questão colocada. A pergunta aqui em apreço pressupõe, de imediato, a inexistência de acordos e da respetiva publicitação dos mesmos. Mas, para qualquer interlocutor politicamente atento, a resposta é fácil. E não carece de grande capacidade de memória. Está, simplesmente, ao alcance de um clique no “google”. E aí estão acessíveis dias e dias de programas de televisão, rádio e “resmas e resmas de papel” com notícias e artigos de opinião sobre a mudança no paradigma político-parlamentar português que representou a constituição da geringonça. Os referidos acordos – designados de posições conjuntas – foram escalpelizados até ao infimo pormenor, pelo que só não tem acesso aos mesmos quem não quer ter ou então quem deliberadamente anda no mundo da contrainformação.

### iii. Então e a tua posição foi qual?

Esta é a pergunta com que costuma acabar a conversa em torno do pretendido paralelismo entre a “geringonça” nacional de 2015 e a regional de 2020. A ideia, como é óbvio, é apanhar uma flagrante contradição. Mas, na verdade, terão de ir bater a outra porta. Em 2015, enquanto membro do secretariado da secção do PS Ponta Delgada, demonstrei a minha oposição ao caminho que se estava a trilhar, dizendo, mais palavra menos palavra, que: “A soma aritmética dos votos de três derrotados, para além de politicamente impossível, não tem como resultado um vencedor. O povo não deu a vitória a nenhum dos partidos de esquerda.” Em 2017, no pós-autárquicas, foi discutido no PS Ponta Delgada a questão da Presidência da Assembleia Municipal, e sabem qual foi a minha posição? Sim, mesmo o PS tendo mais mandatos que o PSD, defendi que devia ser o PSD, como partido vencedor da eleição direta para aquele órgão, a assumir a presidência. Agora, perante uma coligação composta por 5 partidos que se apresentaram ao eleitorado desavindos entre si e que foram rejeitados nas urnas, mantenho a posição de sempre: a incumbência de governar compete ao partido mais votado!

\* *Jurista*